

Maioria quer informações sobre o futuro

124

ISABEL DIAS DE AGUIAR

A julgar pela reação de diversos empresários, os efeitos do aperto monetário imposto pelo governo já começam a ser aceitos com resignação. "Já que foi esse o caminho escolhido para combater a inflação, não há outra alternativa senão aguardar os resultados com paciência", diz o presidente da Semco, Ricardo Semler. A maioria dos dirigentes de empresas, porém, se mostra inconformada com a demora do governo Collor em divulgar os planos para o futuro. Para eles, a crise seria menos dolorosa se a sociedade tivesse conhecimento do passo seguinte à estabilização da economia. "É preciso projetar desde já o Brasil do ano 2000", exige o presidente da Gradiente, Eugênio Staub.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, reclama da falta de um diálogo produtivo entre os integrantes do governo e representantes da classe empresarial. Apenas assim, na sua opinião, seria possível encontrar uma solução de curto prazo para as dificuldades. A sugestão de Amato para o País sair rapidamente da crise é a de que é preciso oxigenar a economia sem mudar a filosofia do Plano Collor. Para ele, muitas empresas sadias ficarão insolventes se o governo não atenuar a rigidez de sua política econômica. "Todo mundo diz que nunca paramos de chorar, mas desta vez o choro é sincero".

Rogério Bonfiglioli, presidente da Associação das Instituições de Crédito, Investimento e Financiamento (Acrefi), acha que o governo já colheu alguns resultados positivos com o seu plano de estabilização econômica, mas corre agora o risco de perder o momento adequado para iniciar o processo de retomada de investimento. "Isso tem de ser feito já, mesmo que custe o aumento de alguns pontos na inflação", sugere. Tal providência serviria para alterar o clima psicológico vigente entre os empresários, o que ajudaria a estimular os investimentos. Bonfiglioli acredita que há alguns setores que conseguem obter lucros apesar da recessão. Esses poderiam retomar seus investimentos se soubessem que haveria um mercado em crescimento.

Providência semelhante é reclamada pelo presidente da Associação das Federações de Bancos, Leo Cochrane. Para ele, falta um horizonte certo para que a economia possa se armar e programar os investimentos futuros. A política monetária adotada pelo governo é correta e necessária, mas falta um convite oficial para o debate sobre o futuro, segundo ele.

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Materiais Plásticos do Estado de São Paulo (Abiplast), Celso Hahne, diz que empregados e empregadores devem deixar o governo de lado para trabalharem unidos em favor do crescimento do mercado e da melhoria da qualidade de vida. Para isso, recomenda que os empresários atendam às reivindicações salariais e repassem os custos adicionais da mão-de-obra aos preços.

Ao governo caberia a tarefa de controlar as contas oficiais e executar a sua política monetária.